

Cartas de Jacobina e documentos do episódio Mucker

Por Adilson Schultz*

Resumo:

O texto apresenta o conteúdo integral de seis documentos referente aos Muckers, de 1873 e 1874: 1. Carta de Jacobina a seu irmão Franz Mentz; 2. Abaixo-assinado de colonos de Sapiranga solicitando intervenção policial contra os Muckers; 3. Abaixo-assinado dos Muckers remetido ao Imperador D. Pedro II ; 4. Carta de Carolina Mentz a seu primo Lúcio Schreiner, delegado de polícia de São Leopoldo; 5. Carta de Jacobina a seu primo Lucio Schreiner; 6. Carta de Jacobina a seu primo Mathias Schröder. Alguns documentos vem acompanhados de breves explicações, visando localizá-los historicamente.

Introdução

Grande parte da pesquisa atual sobre o movimento Mucker baseia-se em fontes secundárias. Fazem parte dessas fontes alguns livros que são referência para todas as áreas do conhecimento, da História à Teologia, entre eles os de Leopoldo Petry, Moacyr Domingues, Ambrósio Schupp e Janaína Amado. Naturalmente, todos os livros tecem seus comentários sobre como compreendem o evento Mucker, ora de forma inquisitória, ora apologética, ora tentando a máxima imparcialidade.

A grande riqueza dessas obras, no entanto, está em que elas publicam não apenas opiniões, mas também documentos sobre os Muckers. Revirando arquivos históricos do governo do RS, do governo Imperial, da Igreja Evangélica Luterana, da Igreja Católica, dos jornais da época, de fóruns judiciais e/ou acervos pessoais, esses pesquisadores descobriram inúmeros documentos que registram os acontecimentos do evento em primeira mão, verdadeiras fontes primárias.

* Mestre em Teologia, com pesquisa sobre Protestantismo e Missão. Doutorando em Ciências da Religião no IEPG-EST, com pesquisa no campo Teologia e Literatura. Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo e do Núcleo de Estudos e Pesquisa de Gênero.

Seis desses valiosos documentos estão transcritos abaixo. A sua transcrição nessa publicação segue a intuição de que eles têm um valor inestimável, justamente por permanecerem incólumes frente a qualquer tipo de interpretação. O acesso direto aos documentos permite leituras sempre surpreendentes e diferenciadas sobre o evento Mucker. Nos documentos aparecem detalhes do dia-a-dia dos colonos do Ferrabrás; aparecem seus sentimentos, sua fé, suas reações aos inimigos; e também o comportamento dos colonos não-Muckers. Um exercício especialmente instigante é buscar nos documentos informações de entrelinhas que mostram a religião/a piedade dos Muckers.

São esses os documentos, dispostos cronologicamente:

1. Carta de Jacobina a seu irmão Franz Mentz, de 24 de fevereiro de 1873;
2. Abaixo-assinado de colonos de Sapiranga solicitando intervenção policial contra os Muckers, de 10 de maio de 1873;
3. Abaixo-assinado dos Muckers remetido ao Imperador D. Pedro II:
 - 3.A) Trecho do texto original do abaixo-assinado, de 10 de dezembro de 1873;
 - 3.B) Memorial do abaixo-assinado, remetido pelo Ministro da Justiça ao Presidente da Província do Rio Grande do Sul, de 27 de dezembro de 1873;
4. Carta de Carolina Mentz, irmã de Jacobina, a seu primo Lúcio Schreiner, delegado de polícia de São Leopoldo, de 27 de dezembro de 1873;
5. Carta de Jacobina a seu primo Lucio Schreiner, delegado de polícia de São Leopoldo, de 19 de maio de 1874;
6. Carta de Jacobina a seu primo Mathias Schröder, de 20 de maio de 1874.

Os documentos foram extraídos de:

BIEHL, João Guilherme. Jammerthal, *O Vale da Lamentação: crítica à Construção do Messianismo Mucker*. Santa Maria: Curso de Pós-Graduação em Filosofia/UFSM,1991. (Dissertação de Mestrado)

DOMINGUES, Moacyr. *A Nova Face dos Muckers*. São Leopoldo: Rotermond, 1977.

PETRY, Leopoldo. *O Episódio do Ferrabraz: os Muckers*. 2. ed. São Leopoldo: Rotermond, 1966.

SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers: a tragédia histórica do Ferrabrás*. 4. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993.

Para facilitar a leitura e a localização histórica, foram inseridos ao final de alguns documentos breves comentários explicativos, extraídos, sobretudo, do conjunto da bibliografia disponível sobre os Muckers.

Os documentos extraídos de Petry tiveram o texto atualizado/corrigido quanto à pontuação em algumas palavras - publicado em 1966, o Português utilizado ainda traz acentuadas as palavras como êsse, êle, dêsses, tôda, sôbre, fôssem, etc...

O idioma usado nas cartas originalmente é ora o alemão, ora o *Hünsruck*, dialeto próximo ao alemão, falado pela maioria dos imigrantes alemães chegados a São Leopoldo. O abaixo-assinado ao Imperador foi redigido em alemão. No Arquivo Histórico Nacional, consta a versão original em português, presumivelmente a que chegou ao Imperador.

Como se sabe, Jacobina não sabia escrever. Diz-se que ela lia apenas letras impressas, como as da Bíblia. Não obstante, sabe-se que Jacobina ditava cartas para outras pessoas escreverem, sobretudo João Jorge Klein. Ela teria ditado inclusive o abaixo-assinado remetido ao Imperador D. Pedro II. Schupp está convicto de que a carta de Jacobina para Franz tenha sido redigida por João Jorge Klein, visto que uma missiva da carta foi encontrada nos seus pertences particulares. Biehl suspeita que

todas as cartas e documentos dos Muckers eram redigidos por Klein, ainda que ditados por suas/seus autoras/es.

Quanto a isso, um breve comentário final: ao contrário do que se crê, pode-se suspeitar que, embora a taxa de analfabetismo fosse elevada, muitos/as colonos/as sabiam ler e escrever, pelo menos em alemão. Três evidências que colaboram nesse sentido:

A) Bíblias e hinários em casa: há registros de que cada família de imigrantes, e mesmo mais pessoas dentro da mesma família, tinham hinários e Bíblias pessoais. Os hinos tinham geralmente letras muito extensas, o que impossibilitaria serem cantados sem que as pessoas soubessem ler.

B) As mulheres sabiam ler: nos depoimentos dos Muckers presos após o conflito com o exército em 19/07/1873 (registrados em arquivos oficiais e publicados em DIECKE, Maria Amélia. Afetos e Circunstâncias: um estudo sobre os Muckers e seu tempo), consta que várias pessoas, homens e mulheres, liam e escreviam em alemão.

C) Os Maurers ensinavam a ler a Bíblia: O pastor luterano Wilhelm Borchard, chegado a São Leopoldo logo depois do desfecho do conflito, registra em relatório (cf. DREHER, Martin N. O movimento Mucker na visão de dois pastores evangélicos) registra com alegria o testemunho de colonos da região que disseram que, apesar de tudo o que dizem dos Muckers, os Maurers lhe ensinaram a ler a Bíblia.

1. Carta de Jacobina a seu irmão Franz Mentz

Ferrabrás, aos 24 de fevereiro de 1873.

Hoje ainda uma vez digo: Querido mano!

Abandonaste-me como se eu fosse uma devassa. Agora passo a perguntar: Sou eu uma devassa ou és tu um libertino?

Quero, no entanto, agüentá-lo. Diz, porém, o Senhor:

– Ai dos escribas, que fazem leis injustas e proferem sentenças iníquas, para torcerem a causa dos pobres e oprimirem o direito dos infelizes, julgando que as viúvas devam ser a sua presa e os órfãos a sua vítima!

O que pretendeis fazer no dia da tribulação e do infortúnio, que se avizinha? A quem haveis de acorrer por ajuda? Sabeis, no entanto, que Ele é justo, pois como um filho a seu pai ele me serviu no evangelho. Pois eu não tenho a ninguém, que tanto goste de afinar com os meus sentimentos, que tão cordialmente de mim cuide.

Dói-me, querido mano, o fato de tu teres um coração de tal forma empedernido, que não reconheças a herança celeste! Peço-te, porém, com o Pai do Céu: _ Volta (converte-te) e depõe o tumulto mundano, pois de modo brutal me apunhalaste o coração, visto que tomba uma gota de sangue após outra!

Ai de nós! Que dirá a nossa boa mamãe, quando vier a ouvi-lo? Há-de dizer então: _ Como me dói o coração!

Mas tu podes de novo curá-lo. Lembra-te, porém, da lei que juraste, e, se a consideras, não podes deixá-la, pois quem a despreza, despreza não a homens, mas a Deus, que deu o seu Espírito, derramando-o em vós.

Não se faz preciso, contudo, que eu vos escreva do amor fraterno, porque fostes vós mesmo ensinados por Deus a vos amardes uns aos outros.

Querido mano, onde está o teu amor? Sumiu-se teu amor. Onde está a tua fé? Onde estão as tuas obras? Tu tens a fé e as obras, mas elas não se dirigem ao Pai do Céu. Cansam-se por isso todas as mãos e o coração de todos os homens será medroso. Susto, angústia e dores hão de assaltá-los, e eles sentirão horror. Apavorar-se-á um diante do outro, e seus rostos serão vermelhos com o fogo.

Jacobina Maurer, nascida Mentz

Extraído de Ambrósio SCHUPP, **Op. cit.**, p. 69-70.

Franz foi o único dos sete irmãos e irmãs de Jacobina a não integrar o movimento. Ele não apenas rejeitou o título de apóstolo de Jacobina, como passou a hostilizar os Muckers.

2. Abaixo-assinado de colonos de Sapiranga, solicitando intervenção policial contra os Muckers

Il.mo Sr. Delegado de Polícia de São Leopoldo.

Il.mo Sr.

Os abaixo-assinados, moradores do 4.º Distrito de São Leopoldo, denominado Leonerhof, trazem ao conhecimento de V. S.a o seguinte:

Em nosso distrito mora um homem, chamado João Jorge Maurer, que ganhava os mantimentos para sua vida nos primeiros anos com trabalhos na sua profissão, como carpinteiro, mas há alguns anos/pouco mais ou menos 4 anos/ como médico - médico de milagres - e neste último tempo ele arranjou uma grande porção de amigos pelas suas palavras miraculosas, especialmente pela explicação da Bíblia sagrada.

Esses seus amigos se reúnem nos últimos 14 dias muitas vezes em casa do mesmo João Jorge Maurer e foram ditos aos abaixo assinados os seguintes fatos pelos também abaixo assinados Adão Michel e Filipe Sehn, moradores daqui dos quais o primeiro foi convidado para as reuniões por um cunhado do mesmo Maurer e o segundo que visitou uma vez essas reuniões. Essas duas pessoas estão sempre prontas a jurar os fatos abaixo declarados.

No dia 7 deste mês, nesse dia Filipe Sehn visitou a reunião, disse a mulher de João Jorge Maurer a todas as pessoas reunidas que ela mesma é Cristo, o nosso salvador, e depois ela leu alguns artigos da crucificação de Nosso Senhor Jesus Cristo da Bíblia sagrada e explicou dizendo que agora, nesta explicação, as palavras de sua boca são somente as palavras do Espírito de Cristo, dizendo mais, que ela faz também uma ressurreição mesmo e que todos aqueles que criam todas estas coisas e muitas mais receberão a felicidade do céu.

Sem isto (sic) a mulher de Maurer chamou até agora três apóstolos (o marido dela para Apóstolo João, o irmão dela, chamado Henrique Mentz, para o Apóstolo Jacó e o outro irmão dela, Francisco, para o Apóstolo Pedro). Ela disse mais, que no tempo de quatorze dias (ultimamente três semanas) esses três apóstolos, em companhia de outros nove Apóstolos, vão no mundo todo para ensinar a nova religião.

Essas publicações, que existem entre nós abaixo-assinados, com outros fatos, que são publicados (por exemplo, que existem já dissoluções entre homem e mulher, pais e filhos, etc., etc.) e mais, que os amigos de Maurer querem comprar muitas libras de chumbo, etc. e que aqueles não pagam mais os direitos para a igreja e escola (isto é uma lei cardeal de Maurer) e que todos os dias aquele Maurer recebe uma grande porção de pessoas de outras picadas, são a ocasião de pedir.

Que V. S.a mande examinar este estado em nosso lugar para a segurança dos moradores; e os abaixo-assinados então prontos a arranjar testemunhas para constatar os fatos acima e outros mais.

E. R. Mercê.

Extraído de Moacyr DOMINGUES, **Op. cit.**, p. 126-128.

DOMINGUES, p. 127-128, acrescenta o seguinte:

Esse documento está datado no 4.º distrito de São Leopoldo a 10 de maio de 1873 e contém as seguintes assinaturas:

Frederico Guilherme F. Boeber, Pastor Evangélico; João Weis, Professor Contratado; Adam Michel; Hermann Siebel; August Heilemeyer; Michael Fleck; Heinrich Kautzmann; Heinrich Ohlweiler; Philip Sehn; Jacob Kichler; Valentin Petry; Clemenz Konrath; Johann Nicol Müller; Wilhelm Selzerlein; Christoph Dietrich; Peter Ohlweiler; Wilhelm Müller; Johann Becker; Fraz Dahmer; Heinrich Peter Kautzmann; Wilhelm Ohlweiler; Wilhelm Krei; Jacob Lenz; Johann Nicolaus Brenner; Carl Venter; Peter Jacob Schweitre; Carl Schönardie; Jacob Klein; Manuel Custódio Alves dos Santos; Jacob Jäger; Simão Kappel; Nicolau Schmidt; Johann Schönardie; Jacob Rech; Karl Kauer; Wilhelm Kreuz; Heinrich Peter Michel; Jacob Feltes Filg; Jacob Kötz; Carl Nadler; Michael Scheuermann; Ludwiech Schönardie; Adam Klippel; Johannes Maurer; Philip Jacobus.

[...] 46 pessoas diferentes assinaram o documento, entre 10 e 13 de maio, do sábado à segunda-feira.

O abaixo-assinado parece ter sido uma reação imediata do Pastor evangélico local frente ao grande culto do dia 04 de maio de 1873 na casa dos Maurer.

Segundo DOMINGUES (p. 128), a ordem das assinaturas revela quem organizou o abaixo-assinado. A 1ª assinatura é do pastor evangélico da localidade. A esse respeito destaca Domingues: “no dia 04 de maio, um Domingo, manifestara-se um cisma declarado na Comunidade Evangélica dirigida pelo Pastor Boeber. Precisaria de ser pressionado pra no fim-de-semana próximo encabeçar uma representação contra os dissidentes?”

Como se sabe, 4 de maio de 1873 é a data do grande culto na casa dos Maurer, com a aparição de Jacobina vestida de branco, anunciando os apóstolos e anunciando-se (ou sendo vista!) como o Cristo feminino. Schupp e Koseritz situam essa grande aparição no Domingo de Pentecostes de 1872, dia 19 de maio, mas Domingues conclui que na verdade ela ocorreu dia 04 de maio de 1873, num Domingo, mas não de Pentecostes - que em 1874 se daria em 1 de junho - mas da Ascensão do Senhor. Fala-se em 100, em 200 e mesmo em 500 pessoas congregadas nesse culto. Mais detalhes sobre esse famoso e crucial culto, cf. DOMINGUES (p. 93-95) e BIEHL (p.159ss).

O filme “A paixão de Jacobina”, de Lucy e Fábio Barreto, 2002, explora com maestria o contraste entre a Igreja vazia do pastor Boeber e a casa de culto cheia dos Maurer.

Como lembra DOMINGUES (p. 126), o pastor Boeber (ou Böber?) não assistiu ao desfecho do conflito: “O Pastor Frederico Wilhelm Furchtegott Boeber nasceu a 1/4/1825, em Sachsen, e faleceu a 25/3/1874, na Picada Hartz”.

3. Abaixo-assinado dos Muckers remetido ao Imperador D. Pedro II

3.a) Trecho do texto original do abaixo-assinado, de 10 de dezembro de 1873:

Os colonos abaixo assinados, moradores nas colônias Ferrabrás e campo Bom, vêm declarar a Vossa Majestade quanto sofreram, não só de alguns moradores das mesmas colônias que são desordeiros e intrigantes, como também do próprio subdelegado e alguns inspetores de quarteirão deste distrito que têm protegido os malvados, consentido, e fazendo violência e perseguições contra os abaixo assinados e outros. [...]. E assim os malvados cada dia insultavam onde encontravam um de nós, dirigindo-nos palavras obscenas, atacando uns de rebenque, a outros atirando pedras sem terem a mínima razão para maltratar-nos, e assim estamos nós e outros perseguidos e sofrendo desde maio do corrente ano.

Do Arquivo Nacional, apud BIEHL, p.186.

3.b) Memorial do abaixo-assinado, remetido pelo Ministro da Justiça ao Presidente da Província do Rio Grande do Sul, de 27 de dezembro de 1873

A 10 de dezembro do mesmo ano (1873), vários colonos de Campo Bom e de Ferrabraz representaram ao Imperador o quanto sofriam, não só de alguns moradores das colônias, que eram desordeiros e intrigantes, como também do próprio subdelegado e alguns inspetores de quarteirão do distrito, que protegiam os malvados, consentindo e fazendo violências contra os requerentes, chegando a ponto de serem insultados por palavras obscenas e atacados de rebenque e pedras, perseguidos assim desde maio daquele ano.

Representavam que a 20 de maio fora preso o colono Jorge Maurer, conduzido e escoltado para a cidade de S. Leopoldo, insultado em todo o caminho e desfeitoado, sem que alguém os repelisse até aquela cidade, onde chegaram a lhe cuspir na cara, sendo remetido no dia seguinte par porto Alegre, onde ficara preso no quartel de polícia; que no dia 22 do mesmo mês, dia da Ascensão do Senhor, fora presa a mulher de Maurer, se achando ela doente de um mal que se costumava dar, ficando sem sentidos, sendo levada - por uma escolta de 8 praças - em uma carreta, sendo que na viagem, que durou 9 horas, foi ela insultada continuando doente até aquela cidade, onde a depositaram na casa da câmara, exposta ao público, tendo sido examinada por médios, a fim de ver se era fingida a moléstia, com aplicações de agulhas e pontas de canivetes por todo o corpo e mais aplicações médicas para ela tornar a si, o que conseguiram só depois de 5 horas; que no dia seguinte fora embarcada em um vapor e mandada para Porto Alegre, recolhida à Santa Casa de Misericórdia, ficando assim 5 filhos sem pais e entregues aos estranhos; que foram conservados 45 dias ausentes de suas casas por ordem policial obrigados a assinar um termo para não consentir nem fazer reuniões religiosas, sendo depois mandados para as suas casas; que Maurer estava fazendo uma casa e pedira ao Dr. Chefe de polícia que consentisse em Ter em sua casa o número de pessoas precisas para sua obra, o que lhe fora consentido, mas, que o subdelegado sempre ia incomodá-lo, proibindo, que ficassem apenas três pessoas, e, sabendo que não havia reunião, mesmo assim, o incomodava; que ao colono Nicolau Barch estragaram uma porção de roupa branca, que se achava estendida no quintal e que encontraram em pedaços; estragaram 40 milheiros de abelhas e, que indo em passeio, com suas irmãs, um filho deste fora espancado por um inspetor, acompanhado por um vadio; que ao colono Luppa atearam fogo a uma cerca de roça; que no dia 23 do corrente, prenderam novamente Maurer, em sua casa, por ordem do subdelegado, arrancaram-no, sem motivo, da sua mulher que se achava doente, ficando com ela os cinco filhos menores; que prenderam 33 pessoas, sendo deste número os peticionários que foram presos em suas casas, trabalhando uns em suas roças e outros em passeio, sem que tivessem cometido o mínimo

delito, foram todos conduzidos presos para uma taverna, onde os deixaram dois dias. Ali receberam visitas e tomaram-lhes os animais, que tinham montado; que foram escoltados para S. Leopoldo e insultados em caminho e recolhidos ao xadrez daquela cidade, onde tiraram um menino de 14 anos, órfão, da companhia de seu padrinho, contra a vontade de ambos; que no dia 27 mandaram par Porto Alegre cinco moços para assentarem praça na marinha; que os cavalos pertencentes aos queixosos foram postos em um potreiro, e os três melhores, d estimação, inutilizaram, morrendo um de uma facada que lhe deram, e dois outros com talhos de faca; que depois de presos sete dias, sem saberem por que, foram postos em liberdade, mandados para suas casas, e, como sofressem todas estas vergonhas e desfeitas, pediam justiça.

Da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, v. 68, 1907, p. 399-401; apud PETRY, Op. cit., p. 66-69.

PETRY (p. 68) diz que “este memorial foi informar ao Presidente da Província do Rio Grande, por despacho do Ministro, de 27 de dezembro de 1873”.

DOMINGUES (p. 211) acrescenta o seguinte:

O documento original dessa representação se encontra no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro; tem a data de 10/12/1873 e... está redigido em português, em bom português! Foi assinado no Ferrabrás pelas seguintes pessoas, em número de 31:

Karl Luppá, João Jacob Karst, Heinrich Weber, Andreas Karst, Christian Karst, Johann Sehn, Jacob Sehn, Karl Sehn, Martin Sehn, Johann Volz, Rudolf Sehn, Heirich Wilhelm Gaesler, Johann Carl Hermann Schnell, Nicolas Schnell, Joseph Schnell, Karl Maurer, Wilhelm Maurer, Karl Maurer Junior, Christian Maurer, Nicolas Barth, Peter Barth, Friedrich Barth, Jacob Mentz, Ludwig Kilsen, Jacob Müller, Valentin Wasum, Georg Robinson, Christian Kassel, Philipp Heisner, August Wilborn.

PETRY (p. 68) acrescenta que o abaixo-assinado “foi levado ao Imperador D. Pedro II por Carlos Luppá, Jacob Sehn, Jacob Fuchs, João Sehn e João Jorge Maurer, o qual viajava sob o nome de João Arend. A viagem era feita a cavalo. Em Santa Catarina João Sehn e João Jorge Maurer separam-se dos demais companheiros de viagem e prosseguiram sozinho até a capital do Império”.

Como se sabe, em 27 de dezembro o Ministro da Justiça pediu esclarecimentos sobre o relatado no abaixo-assinado ao Presidente da Província. Este, por sua vez, pediu esclarecimentos ao delegado de São Leopoldo, Lúcio Schreiner, ferrenho inimigo dos Muckers. Em 28 de janeiro, Schreiner respondia contestando todas as acusações dos Muckers.

Acrescenta PETRY (p. 69): Os colonos “esperaram semanas e meses pela resposta às suas queixas, pois não sabiam, nem podiam saber o destino de sua petição [...] Julgavam-se abandonados pelo Imperador em que tinham depositado sua última esperança, e, à vista dos vexames que continuaram, foram-se preparando para fazerem justiça pelas próprias mãos, já que não a encontravam entre as autoridades”.

4. Carta de Carolina Mentz, irmã de Jacobina, a seu primo Lúcio Schreiner, Delegado de Polícia de São Leopoldo

Fazenda Leão, 27 de dezembro de 1873.

Senhor Lúcio Schreiner.

Em virtude de vários, notadamente dos últimos acontecimentos na residência de meu cunhado João Jorge Maurer e dos fatos que a eles se prendem, não posso deixar de apresentar-lhe a seguinte declaração. Não queira incomodar-se por causa do parentesco que o liga a nós, a fim de que não tenha motivos para lamentar de que já poderia ter conseguido uma posição de destaque, se não tivesse parentes tão modestos e atualmente muitas vezes injuriados . . . Já de há muito estamos habituados a desistir de simpatias amistosas e familiares.

Mas, com tudo isso, podíamos esperar das pessoas que vivem no mundo civilizado e até se consideram pertencentes às classes cultas mesmo nos casos em que exerçam as funções de funcionários da polícia - se comportem como homens educados e não como bugres, quando entram nas casas de residência e se encontram com seres humanos . . . Os bugres reviram tudo de cima a baixo, carregam o que lhes agrada, e destroem o que não querem levar junto. . . Dirigi-me a V. S. como chefe da escolta, na presença de muitas testemunhas, perguntando se nós éramos obrigados a admitir a qualquer um que aqui aparecesse, nos revistasse todos os quartos e caixões, revirando,

todos os objetos e V. S. respondeu, à moda de um jumento, com extenso - s i m - e um encolher de ombros que teria revoltado um rei africano. Por intermédio do cunhado Klein mandei pedir informações sobre o cavalo de Maurer, maltratado pelos homens de sua escolta, e V. S. respondeu que Maurer emprestara o cavalo ao homem. Agora todos sabem que V. S. mentiu...

Conforme noticiou o “Deutsche Zeitung” (Jornal Alemão) , V. S. informou ter encontrado meu cunhado Klein, no mencionado dia (23 de novembro) em casa de Maurer. Outra mentira descarada, assim como o é também o seu relatório sobre a sua primeira visita à casa de Maurer. Agora tenho a dizer-lhe que meu cunhado Klein foi o último, entre toda a nossa parentalha, que ainda o tinha em consideração, e espera, de semana em semana que V. S. fosse desmentir a deslavada mentira do jornal. Já que deixou de providenciar nesse sentido, Klein saberá o que fazer. Parece que o homem aqui na casa de Maurer lhe é muito importuno, já que espalhou boatos tão venenosos a seu respeito. Tem-se a impressão de que os homens se constrangeram em sua presença de executar tudo o que estava planejado. Pelo menos não se pode explicar de outra maneira sua indecisão. Sabemos que nos cumpre respeitar as leis e jamais deixamos de respeitá-las, nem outra cousa queremos, mas exigimos que nos tratem de acordo com as leis do País e não de acordo com o arbítrio de gente perversa. Não deve V. S. esperar que irá tecer seda com esse seu procedimento e que receberá o galardão esperado. Quem com ferro fere, com ferro será ferido. Se conseguir que todos sejamos expulsos do País, então poderá avançar feliz e sem empecilhos. Para que melhor se realizem seus planos, e para todas as eventualidades, saúda-o.

Karoline Mentz

Extraído de PETRY, **Op. cit.**, 155-156.

5. Carta de Jacobina a seu primo Lúcio Schreiner, Delegado de Polícia de São Leopoldo

Padre Eterno, 19 de maio de 1874.

Senhor Lúcio Schreiner - São Leopoldo

Primo:

Os acontecimentos do último ano me fazem recordar de V.. Minha irmã Carolina já o abandonou de todo, como moralmente perdido e isto mesmo lhe disse por escrito. Eu não faço a mesma coisa enquanto conservo a esperança de restar ainda um só cabelo são em alguém, o

que às vezes custa muito e mesmo mais do que vale o respectivo objeto.

Contou-me alguém uma história do Imperador Nero, que com quanto prazer assassinou sua mulher, sua mãe, sua irmã e outros parentes. O fim que ele teve porém V. sabe.

Está escrito: Quem verte sangue humano, verá por sua vez vertido o seu sangue por mão humana, porque Deus fez o homem à sua semelhança. Ignoro se V. ainda tem algum respeito da escritura sagrada, contra a qual tanto tem pecado, mas espero que V. ainda acredita que eu também sou de carne e osso e que me foi tão doloroso (como ao inocente Abel quando Caim o matou) quando V. no ano passado me fez levar à força, expondo-me ao escárnio e a um tratamento das massas.

As sevícias que no ano passado no edifício da Câmara Municipal me fez uma multidão de pessoas grosseiras e selvagens, ainda muito depois me doíam e o sangue humano que V. fez verter do meu corpo também brada da terra para o céu, pedindo vingança. Mas não da forma como V. nos quer imputar, mas de conformidade com os direitos divinos e humanos.

Não procure V. defender-se que não tem culpa nesse negócio, como o fez em outro tempo, quando em nossa casa acusou o Chefe de Polícia Sampaio. Sabemos com toda a exatidão a parte que V. tem na petição-monstro e nas calúnias dos jornais.

Em breve far-se-á a luz para todos.

Continue V. a ensopar as suas mãos na própria carne e sangue, isto no sangue dos seus parentes; em pouco tempo talvez já não existam sobrinhos seus e então V. terá de haver-se com seus irmãos, como vosso pai o fez com as irmãs da nossa mãe, que se vêem roubadas em suas fortunas e por isso lançadas em desonradez. Muitos dos filhos do seu pai já se queixam há tempos de idênticos acontecimentos.

Não será possível que V. deixe de fazer nos injuriar e escarnecer de nós de forma indigna no Deutsche Zeitung pelo tio D.? Que tanto V. se importa com o meu marido? Sem dúvida o fará V. com a sua conhecida nobre e generosa tenção. Meu marido não fugiu para o mato, como tio D. a seu tempo disse no jornal Deutsche Zeitung (vou contar-lhe para satisfazer sua curiosidade) mas foi para o Rio de Janeiro para procurar o seu direito, no que V., nobre primo, terá sem dúvida grande prazer.

Tome tento V.: aí vem o juízo último. E talvez V. não saiba que cada um dia que corre de fato pode ser o último dia de vida? Felizes daqueles que não precisam temer os castigos que vulgarmente se julga reservados para o juízo último. Esse último dia provará quem é nos nossos negócios o Nero Romano, o Judas Hebraico ou o Breno Gaulês.

Mando agora procurar a meu marido cheia de tristeza. Diga-m'ó menos uma vez com franqueza, se V. e seus cúmplices não o agarraram também, como o pobre Guilherme Gaelzer e Cristiano Richter.

De mim, V. só tirou sangue. Não me dirá V. se meu marido não foi devorado com carne e sangue, pele e ossos, cabelos e unhas? Vossas palavras me parecem muito suspeitas: V. disse que havia estirpado o mal pela raiz e com isso só pode referir-se ao meu marido. V. pois é mais suspeito do que todos nós.

Se as pesquisas a que procedo não tiverem sucesso, instaurarei uma devassa. Não se recorda V. ao ver o meu estado sofredor, de sua irmã Henriqueta e de sua sobrinha Luísa?

Quando V. esteve a última vez aqui em casa, disse: "Como me é dolorosa esta casa!" Não quero crer que V. tenha inveja, senão não seríamos parentes d'alma, porque para mim só é doloroso que V. não tenha 6, ou 60, ou 600 casas dessa ordem.

Como ainda espero uma pronta resposta, para poder responder ainda antes do Sagrado Espírito Santo (se meu estado o permitir) porque nessa ocasião pode ser que um espírito bom desça sobre V..

Sua Prima Jacobina Maurer

Nascida Mentz

Extraído de DOMINGUES, **Op. cit.**, p. 241-242.

DOMINGUES (p 243) dá ainda os seguintes detalhes sobre a carta:

O Pe. Schupp reproduz em sua obra [109 parte desse documento, com algumas diferenças de tradução e omite, talvez por uma questão de delicadeza, aqueles trechos que envolvem problemas íntimos de família. Nós outros, porém - não que isso constitua prazer - divulgamo-la na íntegra, para que o leitor constate que a incompatibilidade de Jacobina e seus irmãos em relação a Schreiner, não decorria a penas de divergências de ordem religiosa ou política. Vinha de longe e Jacobina deixa transparecer que o pai de Schreiner lesara as cunhadas [tias de Jacobina pelos Muller] e que outro tanto estaria a fazer Lúcio com os próprios irmãos.

A petição-monstro citada na carta, provavelmente é uma referência ao pedido de deportação do país de todos os Muckers, formulado e reivindicado à época por outros colonos da região e parte da imprensa riograndense.

O dia do Espírito citado na carta é o Pentecostes, que deu-se 5 dias depois, em 24 de maio. Especula-se que nesse dia Jacobina ameaçou de morte todos os inimigos dos Muckers, sobretudo famílias da região que os hostilizavam.

Essas ameaças foram concretizadas no ataque da noite do fogo, a 25 e 26 de junho de 1874, em que vários grupos de três a quatro colonos, presumivelmente Muckers, incendiaram casas e assassinaram várias pessoas em Sapiranga, Linha Nova e São José do Hortêncio. Em dois processos judiciais contra os Muckers presos no dia 19 de julho de 1873, são imputados a eles ataques e incêndio de 13 casas e duas estrebarias, assassinatos de 16 pessoas, incluindo três crianças, e agressões e ferimentos a 3 pessoas. Todos os crimes aconteceram nos anos 73 e 74 (Cf. Maria Amélia Schmidt DICKIE, **Afetos e circunstâncias**, p. 93, nota 45).

6. Carta de Jacobina ao seu primo Mathias Schröder

Padre Eterno, em 20 de maio de 1874.

Meu prezado Primo.

O procedimento e a conversação que Você teve na Capela da Piedade com o meu mano Jacó, no domingo de Espírito Santo, faz lembrar os seguintes fatos e muito eu estimo que Você, por fim, se lembrasse das lições e admoestações que a sua falecida mãe lhe deu.

Você mencionou que ela lhe tinha dito que Você veria o “Anti-Cristo” o qual teria muitos seguidores; isto é pura verdade, meu caro, e eu lhe posso confirmar que também tenho muita lástima disso, quanto mais que cheguei a ter o triste conhecimento de que Você caiu nas ciladas que ele tem armado.

“Anti-Cristo” quer dizer contra Cristo e desses há muitos. Eles têm a intenção de excitar e persuadir os seus próximos a serem espíões e falsos traidores como o primo Lúcio [era o delegado de São Leopoldo, naquele tempo - N. d. T.] tem feito com Você e como ele o tem atizado há perto já de um ano.

Por isso lhe digo que são horas de Você se lembrar dos ensinamentos de sua saudosa mãe. O Lúcio, Anti-Cristo, também procurou excitar teu gênio, dizendo que eu tinha desonrado toda a parentalha ao falar mal, numa carta, sobre o seu falecido pai. Daí Você já pode observar

que idéias injustas esse homem formou de nós; e Você deve aceitar melhores lições e preceitos.

É certo que por cima do corpo de um defunto pode nascer capim e ervas [sic!], mas por cima de seus feitos, ou para me explicar, por cima das suas malfetorias, nunca nascerão senão a história do mundo que não pode ser o tribunal deste mundo.

Os homens mais poderosos e celebrados não puderam impedir e que as suas ações fossem comentadas e censuradas pela posteridade. Não consiste a reputação de um homem alcançar alta idade, mas ficar idoso na probidade, merecer estimação.

A circunstância de Você ter servido de espião a favor dos nossos contrários nunca lhe fora honra, nem que Você morra de velhice. Também acho que é preciso restabelecer a sua lembrança. Você não se lembra de que a falecida sua mãe muitas vezes se queixou de que não tinha sido estimada pelos seus soberbos parentes? Não se lembra de que a rica família dos Hanzen tinha vergonha dos Schroeders, Andres e Menezes por serem pobres, que preferiam vê-los saírem a chegarem?

Você não reparou que nos vieram visitar somente, quando precisaram de nós, por exemplo como o Lúcio se tem servido de Você, não para uma boa causa, mas para ser espião e traidor.

Para ter notícia de nós não é preciso espiar. O nosso comportamento e as nossas ações estão abertos e claros, sem segredos e sem fraude alguma, mas aquele que não se confia em ninguém, também não merece confiança.

Para explorar-nos, o Lúcio não precisa de ninguém, mas para difamar-nos e tornar-nos suspeitos perante o mundo, ele procura gente. Ele mesmo, por fim, há de cair na cilada que com tanto zelo tem armado para pegar os nossos correligionários. Ele que tome o Spindler por modelo. Destas minhas palavras Você pode tomar a necessária clareza e explicação. Agora escolha Você de que forma e maneira quer proceder daqui para diante.

Em lugar de obedecer cegamente às ordens de Lúcio, dou-lhe um conselho de vir aqui no nosso meio e Você logo poderá saber dos feitos e procedimentos dele. Apareça aqui para eu lhe poder dar as necessárias explicações sobre ele, sobre o que ele tem praticado e sobre as pretensões secretas que ele ainda tem.

Vá perguntar ao padre Klein que lhe prestara tantos serviços, como foi recompensado pelo mesmo Lúcio. O gosto e o prazer dele consiste em improvisar abaixo-assinados contra nós, fabricar cartas maliciosas e informações falsas, esconder-se timidamente e depois negar tudo. Por que é que ele procura absolutamente a nossa cabeça?

Julgo que é porque ele mesmo não a possui: provas disso ele já tem dado. Ele, para ser alfaiate, era muito estúpido; para ser oleiro, muito

preguiçoso; e, para ser advogado, ora meu Deus! Nem sei o que vou então dizer. Finalmente lhe dirijo a pergunta, se está ciente das declarações e comunicações que fizemos ao seu cunhado Jacó Altenhofen?

Caso não saiba, venha que lhe digo. Aqui sou com estima sua
Jacobina Maurer

Extraído de PETRY, **Op. cit.**, p. 152-154.

Aí a carta tem o seguinte título: “Carta de Jacobina Maurer ao Sr. Mathias Schröder, residente em Maratá, e publicada na Revista do Instituto Histórico Brasileiro, (Já citada no tópico “Fontes Históricas”) às páginas 421 e 422, sendo a tradução do professor Gustavo Adolfo Brandt”

Padre Eterno era o nome da Linha, localidade onde residia Jacobina.

A Igreja da Piedade era a Igreja de Hamburgo Velho.

Essa carta é particularmente significativa quanto à recorrente linguagem religiosa de cunho messiânico. O Anti-Cristo está nitidamente identificado na pessoa de Lúcio Schreiner, o delegado de polícia. O tom é agressivo e pautado por ameaças, assim como a carta de Jacobina ao próprio Lúcio Schreiner. Veja que estas duas cartas foram redigidas na fase mais tensa do episódio Mucker, semanas antes do sangrento desfecho de julho e agosto de 1874.